

INCA participa da criação da Rede de Pesquisa sobre Agrotóxicos e Saúde

Pesquisadores, professores, profissionais de saúde e militantes de movimentos sociais contra o uso dos agrotóxicos, de diversos estados do Brasil, participaram da oficina para criação da Rede de Pesquisa sobre Agrotóxicos, nos dias 24 e 25 de novembro, no INCA. O evento teve o objetivo de trocar experiências, discutir estratégias e definir as metas da Rede, prevista para ser oficialmente lançada no Dia Mundial da Saúde, em 7 de abril do ano que vem. A oficina foi uma das ações do Dia Internacional do Não Uso dos Agrotóxicos, comemorado em 3 de dezembro.

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), no período entre 2002 e 2012, o mercado brasileiro de agrotóxicos cresceu 190%, sendo o país o maior consumidor das substâncias no mundo. "O desafio que nós temos aqui é montar essa rede de pesquisa, definir metas, diretrizes e juntar forças para contribuir com a sociedade brasileira. A rede nos permitirá trabalhar mais articulados e potencializará várias ações que já estão sendo desenvolvidas", apresentou o chefe do Serviço de Apoio a Programas e Projetos da Coordenação de Prevenção e Vigilância, Eduardo Franco, na abertura do encontro. O vice-diretor do Instituto, Luis Felipe Ribeiro Pinto, afirmou que a instituição não medirá esforços para apoiar a iniciativa. "A parceria permitirá que nossos filhos e netos desfrutem de um mundo mais limpo", frisou.

"Esse tema tem sido prioridade há mais de quatro anos no INCA. Em 2012, fizemos o primeiro seminário sobre o tema no Instituto e, no mês de abril de 2015, o INCA lançou documento que reafirma o posicionamento da instituição acerca dos agrotóxicos. Há alguns anos temos participado de grupos de trabalho, reuniões e fóruns, em defesa da redução progressiva e sustentável do uso de agrotóxicos e apoio à produção agroecológica", declarou Ubirani Otero, responsável pela Unidade Técnica de Exposição Ocupacional, Ambiental e Câncer.

Márcia Sarpa, organizadora do evento e pesquisadora da Unidade Técnica de Exposição Ocupacional, Ambiental e Câncer, definiu o encontro presencial como mais um passo para a construção da Rede de Pesquisa sobre Agrotóxicos. "Após videoconferências realizadas com alguns participantes, conseguimos definir o termo de compromisso da Rede. Hoje, nosso objetivo é revisar este documento e traçar as metas a serem alcançadas", apresentou.

O pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Vicente Almeida falou sobre o *Cenário Nacional dos Agrotóxicos e Produção de Alimentos*. Vicente alertou para a justificativa que, em geral, se apresenta para a utilização do veneno. "Dizem ser útil para aumentar a produção agrícola, mas não é o que acontece na prática. Se observarmos o plantio de soja, por exemplo, não houve aumento da produtividade nos últimos dez anos", afirmou Vicente, que também desmistificou os alimentos transgênicos. "A entrada das sementes geneticamente modificadas no mercado se deu com o forte apelo de redução do uso de venenos agrícolas, porém, o que podemos observar é que a expansão do plantio da soja, milho e algodão transgênicos coincidem com a forte expansão do consumo de agrotóxicos no Brasil", constatou.

Para o procurador Pedro Luiz Serafim, do Ministério Público do Trabalho de Pernambuco (MPT-PE), não existe uso seguro de agrotóxico e seu impacto está longe de permanecer limitado ao campo. "Esse problema diz respeito também à cidade e está presente na mesa de cada um de nós, tornando-se um tema diretamente ligado à nossa segurança alimentar", frisou.

A professora Marla Fernanda Kuhn, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UniSinos), ficou satisfeita com os resultados do encontro. "Todas as experiências trocadas hoje foram muito válidas. Vou levar tudo que aprendi aos meus colegas de trabalho em Porto Alegre. Esse foi um ponto de partida fundamental para a construção da Rede", concluiu.

Além da saúde e meio ambiente

"Quem paga pela intoxicação dos trabalhadores e pela contaminação ambiental é a sociedade", afirmou o economista Wagner Soares, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Wagner, que defendeu sua tese de doutorado em Economia sobre o uso de agrotóxicos e seus impactos financeiros na saúde e ambiente, defende que a agricultura sustentável é economicamente viável e analisa os efeitos positivos e negativos provocados pela utilização dos agrotóxicos. "Por meio de um exercício comparativo, avalio o quanto benefícios exclusivamente privados chocam-se com os interesses de bem-estar da sociedade como um todo. Se fosse cobrado todo o prejuízo que causa à saúde e ao meio ambiente, quem compra pensaria duas vezes", afirmou.

OS RISCOS DOS AGROTÓXICOS

Estudos epidemiológicos têm demonstrado que a exposição da população aos agrotóxicos está associada ao desenvolvimento de diversos tipos de câncer, além de disfunção endócrina, alterações neurológicas, hepáticas, renais e imunológicas, comprometimento do sistema reprodutivo e ocorrência de malformações congênitas. O uso de agrotóxicos também compromete o solo, a água, a fauna, a flora e causa o desequilíbrio do ecossistema ao atingir organismos vivos que não são prejudiciais à lavoura.



Diversos estados estiveram representados na oficina